

# Crónica amável dos *Escritas da nossa cidade*

Por José Cardoso Pires

LISBOA tem uma classe de comerciantes em que muita gente por certo não tem reparado nem dado o apreço que lhes é devido. São os escribas, essa casta de «encartados» que nas reportagens sobre a velha China aparecem de pauzinho na mão mergulhado em tinta e, nas gravuras antigas, de pena de pato arvorada em gestos largos e cuidadosos.

À porta dos nossos edifícios dos Correios, nas Picoas, Almirante Reis, na Rua Alves Correia, ei-los postados numa banca de improviso, caixote carregado de papeis de embrulho, paus de lacre, sinete e caneta em riste. Vêm até eles uma larga e variada clientela de criadas de servir, pequenos comerciantes de aldeia em viagem de negócios, e mexeriqueiras de bairro.

As últimas são, sem dúvida, o elemento mais raro mas mais perigoso. Aproximam-se com o ar mais casual deste mundo e começam a ditar uma carta insultuosa e ameaçadora a determinada vizinha, e no fim, quando o «escriba» lhes lança a consagrada pergunta de: «Sabe escrever o nome?», fazem-se muito tímidas e envergonhadas e lamentam-se de não saberem ler nem escrever sequer a assinatura. O «escriba» é homem que não se atrapalha: põe ele mesmo o nome e assim fica redigida a carta anónima que daí a doze horas, ou menos, porá em reboliço uma família ou uma travessa em peso dum bairro velho da cidade.

Este e outros inconvenientes não chegam, porém, para fazer desistir do empreendimento qualquer anotador de cartas que se preze. É que, apesar de tudo, a profissão de escriba tem os seus encantos e a sua justificação, que anda mais ou menos a par dos índices do analfabetismo.

Quem não terá já reparado nestes pequenos magnates das letras, no seu ar discreto mas ao mesmo tempo imponente?

Ali, no Terreiro do Paço, há um que entre todos se destaca. É o senhor Júlio,

de sua graça, que permanece todo o santo dia sentado debaixo das arcadas, cuspinhando no sinete para lacrar amostras sem valor, e redigindo vales, cartas e requerimentos em papel selado.



Lacrar embalagens ou escrever cartas de amor a qualquer criadinha envergonhada não é trabalho do tipo «produção em série», e por tal motivo requer cuidados particulares, penetração psicológica e táticas adequadas para cada caso.

Por outro lado há que saber fazer a propaganda conveniente, insultar quando calhe ao freguês a falta de atenção dos empregados dos CTT, saber de tudo um pouco, de amor, de questões de partilhas, enfim... possuir uma cultura geral tão ampla que permita tratar cada assunto nos termos em que deve realmente ser redigido.

E aqui têm nas linhas gerais, a árdua tarefa dos escribas de Lisboa, pessoas a que muitos não dão a atenção a que têm jus, e que no fundo representam os derradeiros representantes duma profissão de notável linhagem: um mister que nasceu com o nascimento da escrita, que tem os seus pergaminhos impressos na pedra a golpes cuneiformes e no papiro em pinceladas seculares.

E se acharem nisto qualquer tom de elegia, dir-vos-ei que naquele Terreiro do Paço, onde hoje assenta banca o senhor Júlio, andou há muito tempo um escravo que dava pelo nome de Jau a apregoar um livro de poesia chamado *Lustadas*, escrito por um tal Luís Vaz de Camões, que tinha sido em Goa militar de Sua Majestade e escriba de soldados. Querem, por acaso, profissão com pergaminhos mais notáveis?



NOSSA CAPA:

Um manequim de Paris apresenta um bonito modelo de teatro ou «cocktail», de Legroux.

## Sumário:

Neste número:

### PORTUGAL RECEBEU O MUNDO

Uma grande reportagem gráfica com a senhora de Paulo Cunha, esposa do nosso Ministro dos Estrangeiros

### O EPILOGO DUMA TRAGÉDIA

O desfecho judicial do drama da Condessa de Villa d'Este, o acontecimento mais sensacional do pós-guerra, que «EVA» relatou pela primeira vez em Portugal.

### COMO VIVEM OS NOSSOS ARTISTAS

Cunha Viana conclui nesta reportagem o seu curioso apanhado sobre a vida íntima dos nossos artistas.

### NOVELAS

### EVA-CINEMA

### DOCUMENTARIO

### CRÓNICAS INTERNACIONAIS

### INTERVALO — HUMORISMO

### MODAS, BORDADOS, ETC.